



ruep

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa
v. 20, n. 58, jan./mar. 2023
ISSN 2318-2083 (eletrônico)

WELLINGTON SOARES DA COSTA

*Instituto Nacional do Seguro Social, INSS,
Vitória da Conquista, BA, Brasil.*

*Recebido em março de 2023.
Aprovado em junho de 2023.*

RESENHA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado "PODE O CONCEITO DE FASCISMO SER APLICADO AO BRASIL? UMA ANÁLISE SOBRE MATERIAIS DISCURSIVOS DO FASCISMO, INTEGRALISMO E BOLSONARISMO EM SEUS DIVERSOS CICLOS E ESTÁGIOS"

A Dissertação de Mestrado esmiúça o Fascismo surgido na Itália em 1920 e os movimentos brasileiros de matriz fascista designados Integralismo e Bolsonarismo. Para isso, analisam-se determinados discursos de Mussolini, Plínio Salgado e Jair Bolsonaro.

MENEZES, Sergio Schargel Maia de. Pode o conceito de fascismo ser aplicado ao Brasil? Uma análise sobre materiais discursivos do fascismo, integralismo e bolsonarismo em seus diversos ciclos e estágios. 2022. 345 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>. Acesso em: 19 jan. 2023.

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa

Rua Dr. Armando de Salles Oliveira, 150
Boqueirão - Santos - São Paulo
11050-071

<http://revista.lusiada.br/index.php/ruep>
revista.unilus@lusiada.br

Fone: +55 (13) 3202-4100

Resumo (p. 8) e Introdução (p. 11-23).

A Dissertação de Mestrado esmiúça o Fascismo surgido na Itália em 1920 e os movimentos brasileiros de matriz fascista designados Integralismo e Bolsonarismo. Para isso, analisam-se determinados discursos de Mussolini, Plínio Salgado e Jair Bolsonaro.

Acrescenta-se que, “Para além da pesquisa hermenêutica, utilizando métodos exploratórios, teóricos e descritivos de close-reading sobre os materiais apreendidos, também serão utilizados softwares como o Canva e o WordClouds, importantes por, respectivamente, ilustrar e quantificar os dados obtidos; além de análises estatísticas sobre a cultura política brasileira em 2018” (p. 8).

Especificamente sobre o Bolsonarismo, destaca-se: “A complexidade do Bolsonarismo, e sua relação antropofágica com o Fascismo e o Integralismo, exigem tarefas em diversas frentes. Tendo absorvido abertamente fragmentos tanto do Integralismo quanto do Fascismo — não é coincidência que Bolsonaro e seguidores próximos tenham citado frases de Mussolini em algumas oportunidades; para além de seu lema, “Deus, pátria e família” ser uma recriação do lema do Integralismo e “Brasil acima de todos” não falhe em retomar “Deutschland über alles”, da Alemanha Nazista — o Bolsonarismo precisa ser posto em diálogo com esses movimentos anteriores. Entretanto, se há bastante material para se trabalhar com os fenômenos históricos anteriores, pela proximidade temporal e pelas características dos líderes — Mussolini, Salgado e Barroso, por mais que ressaltassem o valor da ação, também possuíam uma preocupação intelectual em deixar escritos e teorias sobre seus movimentos, aspecto inexistente em Jair Bolsonaro — é inevitável que o material seja mais escasso. Entretanto, isso não implica que não existe material suficiente para se trabalhar” (p. 21).

Capítulo 1. O que é fascismo? (p. 24-71)

Há várias interpretações do fascismo e, dentre as principais, algumas são expostas nesse capítulo.

1.1 A interpretação marxista e a interpretação liberal (p. 26-35)

As duas interpretações simplificam o fascismo.

A marxista considera o fascismo um liberalismo ao extremo. Porém e apesar de não ser anticapitalista, o fascismo é antiliberal e contrário ao elitismo de massas, que é visto como corrupto.

“De Mussolini a Bolsonaro, líderes comumente interpretados como fascistas chegaram ao poder através de meios democráticos e populares. Sem dúvida se trata de um fenômeno autoritário, mas, distinto de um autoritarismo tradicional que surge de uma ruptura, o fascismo rói a democracia por dentro, utilizando das instituições para destruí-las. Há, portanto, uma ligação estreita entre fascismo e democracia liberal. O problema é interpretá-los como sinônimos. Não é que o fascismo seja liberal ou, muito menos, democrático. O fascismo está mais para uma espécie de doppelgänger da democracia liberal, o seu negativo, o seu duplo, uma potencialidade sempre presente de degeneração. Ele engole alguns dos pilares mais básicos da democracia liberal, como liberdade de expressão e consenso sobrepostos, para regurgitar formatos distorcidos” (p. 27-28).

“Outro problema da interpretação marxista é que ela não se sustenta quando se percebe que o fascismo não foi um movimento burguês, tal qual a Revolução Francesa ou a Industrial. Na prática, sendo um movimento de massas, angariou apoio de todos os setores sociais, de proletários a grandes empresários, inclusive de minorias que eram demonizadas pelo próprio movimento [...] Houve, em geral, entre a alta burguesia e os fascistas, uma associação desconfortável baseada em objetivos comuns e não uma associação orgânica. Para a alta burguesia, assim como para conservadores e liberais, o fascismo era uma alternativa melhor do que a esquerda. Mas estava longe de ser a

preferência. Também oferecia perigos à estabilidade do mercado, com a impulsividade do Messias e circulação de elites. [...] a pequena burguesia é seu maior expoente (FELICE, 1976, p. 280). Não é sem motivo que figuras como Hitler e Mussolini, ou mesmo Bolsonaro, para utilizar um exemplo contemporâneo, advenham dessa pequena burguesia” (p. 28-29).

O conceito de fascismo é ampliado no entendimento marxista e isso “acabou por deturpar o conceito e transformá-lo em xingamento” (p. 30).

A seu turno, a interpretação liberal simplifica mais ainda o fascismo. Este é considerado um mal menor que a esquerda, exatamente pelo fato de o fascismo não ser anticapitalista, mesmo sendo antiliberal.

Para os liberais, tudo que constitui risco à estabilidade do mercado é fascista, o fascismo e o comunismo são extremos (teoria da ferradura) e o liberalismo é o equilíbrio que prima por democracia e moderação.

Tal como se dá na interpretação marxista, o entendimento liberal distorce o conceito de fascismo, além de não aceitar o fato de que o fascismo apresenta-se diferentemente a cada novo contexto.

As duas interpretações (marxista e liberal) desconsideram a polissemia do termo fascismo. Aliás, o mestrando registra: “É curioso pensar como a estratégia retórica se repete entre as ideologias: marxistas colocam fascistas e liberais como sinônimos, liberais colocam comunistas e fascistas como sinônimo, e os fascistas, como o capítulo sobre o Integralismo ilustrará em detalhes, também enxergam comunismo e liberalismo como sinônimos” (nota de rodapé nº 10, p. 32).

1.2 A visão psicanalítica: fascismo e base de massas (p. 35-45)

As emoções individuais, especialmente o ressentimento, formam o movimento de massas.

Nessa perspectiva é necessário entender os conceitos de massa, homem-massa e ressentimento melancólico.

A racionalidade humana é suplantada, mesmo temporariamente, pela violência emocional liberada pelo inconsciente. Daí que os argumentos racionais nunca são suficientes para permitirem que o indivíduo, em tal estado, consiga perceber a realidade.

O grupo (massa) é formado por uma quantidade razoável de indivíduos nessa condição (homem-massa). Conforme afirmado por Freud em Psicologia das massas e análise do eu, a massa não é influenciada com argumentos: “ ‘quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos: deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa’ ” (p. 36).

A morte dos inimigos é desejada pelo homem-massa, mesmo que à custa da própria vida (vale a pena morrer pelo bem maior). Eis a estetização da morte, bem como a denominada pulsão de morte.

O homem-massa sente o vazio emocional por estar num mundo sem sentido (na sua visão) e tem a consciência de tal sentir. Por sua vez, o messias fascista dá sentido ao mundo para esse homem-massa, que preenche o seu vazio com o ressentimento reativo melancólico. Esse homem-massa ressent-se de viver com a frustração causada pelos inimigos objetivos (a elite e as minorias, conforme a visão da massa), reage emocionalmente, bem como sente melancolia por se reconhecer mortal e querer voltar a um passado histórico nacional.

1.3 Outras interpretações contemporâneas (p. 45-52)

Tais interpretações destacam singularidades dos novos fascismos, ao considerarem que o fascismo não é uma ideologia, mas um método.

Nesse item, o autor comenta sobre as abordagens de Madeleine Albright e Mark Bray.

A Tabela 1 na p. 51-52 sintetiza o total de interpretações constantes no capítulo 1, relaciona os pontos fortes e fracos de cada uma delas, inclui a interpretação de Robert Paxton.

1.4 A interpretação de Robert Paxton: as características mais notáveis do fascismo (p. 53-71)

Esse teórico afirma ser necessário adotar-se o conceito genérico de fascismo, devido às suas características específicas em contextos diferentes. O fascismo, por conseguinte, não se restringe à Itália.

O fascismo é uma forma política que junta conceitos independentes, quais sejam, reacionarismo, autoritarismo, nacionalismo e outros (base de massas e messianismo). Há comentário desses conceitos na Tabela 2 (p. 54-57).

Segundo Robert Paxton, o fascismo pode apresentar cinco estágios (v. a Tabela 3 na p. 69-71) e a maioria dos movimentos atinge apenas o primeiro ou até o segundo: 1) criação; 2) enraizamento; 3) chegada ao poder; 4) exercício do poder; 5) entropia (autoritarismo tradicional, quando há prevalência das elites) ou radicalização (totalitarismo, quando as elites são dominadas).

Salienta-se: “ainda que os estágios propostos por Paxton pareçam, em larga medida, refletir a realidade, eles não necessariamente ocorrem em ordem. O Fascismo, por exemplo, vivenciou todos, incluindo entropia e radicalização. Já o Integralismo nunca chegou a exercer o poder de fato, indo da chegada ao poder direto à entropia. Por outro lado, também nunca desapareceu completamente, mantendo relativa relevância até os dias de hoje” (p. 68).

Capítulo 2. A síntese do machado: as mudanças discursivas de Mussolini em cinco ciclos (p. 72-145)

Estuda-se o fascismo de Mussolini em três tópicos.

De início, alerta-se: “o movimento surgiu primeiro, o conceito veio depois. Decorre daí a importância, quando do estudo do fascismo, de analisar ao mesmo tempo discurso e prática” (p. 73).

Utiliza-se doravante A retórica da intransigência, de Albert Hirschman, a fim de se corroborar o estudo quanto à retórica reacionária.

2.1 Primeiras movimentações (p. 76-98)

O assunto específico são os materiais discursivos que se produzem nos dois primeiros ciclos (estágios):

- a) o programa do Fasci di Combattimento (Apêndice A na p. 322-323), cujos conceitos de anticlericalismo, autoritarismo, corporativismo, nacionalismo e outros, com suas respectivas características, constam na Tabela 5 (p. 89); no primeiro estágio (criação), “O Fascismo surgia como um método de expressar as insatisfações e ressentimentos de uma população frustrada com os resultados medíocres da Itália na Guerra. A partir disso, decorre o nacionalismo como ferramenta útil: o misto de medo do futuro econômico e ressentimento promove um programa que não é mais do que um discurso contra tudo” (p. 80);
- b) o programa do PNF - Partito Nazionale Fascista (Apêndice B na p. 324-332) resulta do Fasci di Combattimento, está caracterizado na Tabela 6 (p. 97), representa o segundo estágio (enraizamento), aborda o paramilitarismo e o corporativismo como necessários à defesa da nação; “Mussolini entende que ao Estado não cabe regular a vida social e o bem-

estar dos cidadãos. Pelo contrário, a ele cabe apenas a defesa política e econômica da nação, devendo ser reduzido às suas funções essenciais” (p. 93).

2.2 O Fascismo chega ao poder e intensifica o seu autoritarismo (p. 98-113)

Trata-se dos estágios terceiro (chegada ao poder) e quarto (exercício do poder).

Respectivamente, o Discurso de Nápoles (Tabela 7 na p. 106 e Apêndice C na p. 333-339) e o Discurso sobre Matteotti (Tabela 8 na p. 113 e Apêndice D na p. 340-345) representam esses dois estágios.

Com referência ao terceiro estágio: “Entre vários discursos possíveis para analisar da época, escolheu-se aplicar um método close reading sobre o discurso dado em Nápoles, apenas dois dias antes da Marcha sobre Roma, pela proximidade temporal (e mesmo espacial, dado que Nápoles está a uma província abaixo de Roma) com um marco temporal do Fascismo” (p. 99).

No Discurso de Nápoles, conclamam-se os fascistas para o momento de ação e Mussolini refere-se ao comunismo e ao liberalismo como parasitas do passado: “caso o Fascismo não consiga o que quer, irá recorrer à violência contra o que identifica como ‘incrustação parasitária do passado, que não pode se prolongar no presente, pois significaria a morte do futuro’ ” (p. 103).

Intensifica-se o autoritarismo no quarto estágio. Consoante à síntese consignada na Tabela 8 (p. 113), o Discurso sobre Matteotti caracteriza-se pelo autoritarismo. “Semelhante ao que foi feito no Golpe de 1964 no Brasil, uma suposta ameaça de ruptura do outro lado atua como ferramenta para legitimar uma fábula de contragolpe. Pois, então, o autoritarismo se torna um mecanismo de defesa. Baseados em possibilidades, no contrafactual, o autoritário injeta no imaginário a ideia paradoxal de que o autoritarismo é necessário para, ele próprio, impedir o autoritarismo. Como se houvesse, neste sentido, um autoritarismo moralmente mais digno, superior” (p. 112).

2.3 Entropia e doutrina (p. 113-145)

O discurso na Doutrina e o quinto estágio (entropia ou radicalização) são comentados.

A Doutrina surge nesse último estágio. Afinal, “Sendo o Fascismo um reacionarismo nacionalista de massas, é natural que sua pauta se siga principalmente pela ação, e não pelas ideias. A discordância, a discussão, imprescindível em uma democracia, é, assim, substituída pelo irracionalismo” (p. 121).

A imagem do machado de fúscas, utilizada por Mussolini, retrata muito bem certas características marcantes do fascismo: “a sensação de uma nação degenerada (reacionarismo/nacionalismo), tomada por uma elite liberal, materialista e cosmopolita (nacionalismo/antiliberalismo) de homens efeminados (reacionarismo/machismo), do qual desdobra o dever de um líder escolhido (autoritarismo/messianismo) retornar a nação à grandeza através de um elogio à guerra (autoritarismo/belicismo)” (p. 119).

As principais características do discurso na Doutrina são relacionadas na Tabela 10 (p. 142): anticomunismo, antiliberalismo, autoritarismo, corporativismo, imperialismo, nacionalismo e reacionarismo.

Dá-se a entropia do fascismo na Itália.

O autor esclarece: “diversos materiais poderiam ter sido tomados como objetos neste capítulo. Mas por uma questão de espaço, limitou-se a analisar momentos históricos do Fascismo, visando colocá-los dentro dos cinco estágios de Paxton. No processo, identificou-se também que o Fascismo italiano perpassou ele próprio por cinco ciclos: 1) o ciclo progressista (1915-1921); 2) o ciclo liberal (1921-1924); 3) o ciclo

ditatorial/corporativista (1924-1932); 4) o ciclo imperial (1932-1943); 5) o ciclo de dominação Nazista (República de Saló) (1943-1945). Visando também perceber como o Fascismo se reinventa, mas mantém bases em comum, a escolha de um material heterogêneo (discursos, programas, doutrina) em um recorte temporal amplo permitiu evidenciar essas reconstruções e perceber suas principais características” (p. 142-143).

Capítulo 3. Um fascismo periférico? O Integralismo (p. 146-209)

O fascismo integralista brasileiro é abordado a partir do paralelo com o fascismo de Mussolini.

Inicia-se o capítulo com a seguinte passagem: “No início de 2020, o Brasil lembrou com surpresa que o Integralismo, movimento político surgido no início dos anos 1930 e inspirado no Fascismo, apesar de ter se fragmentado, não havia desaparecido. Após a transmissão de um filme na Netflix com um Jesus Cristo que supostamente teve relações homossexuais, alguns membros de uma das várias facções integralistas contemporâneas lançaram um coquetel molotov na produção da empresa em uma ação que quase vitimou um segurança. Supostamente o mesmo grupo vandalizou a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) removendo e queimando bandeiras antifascismo levantadas pelos estudantes, bem como os ameaçando. Outros grupos integralistas tentaram se desvincular do ataque, por mais que digam entender seus motivos dado o ataque do Porta dos Fundos aos “símbolos sagrados nacionais” (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 197); ainda que depois se tenha descoberto que um dos responsáveis pelo ataque também era vinculado a parte dessas outras organizações” (p. 146).

O integralismo apresenta várias características do fascismo de Mussolini e, “Em muitos aspectos, portanto, se aproximou da conspiração paranoica que o Bolsonarismo mais tarde absorveria, no devaneio de imaginar uma conspiração mundial por uma elite financeira comunista. Em outras palavras, o Integralismo, como o Fascismo italiano, projetou-se como uma terceira via, uma alternativa entre o comunismo e o liberalismo, que via as duas cabeças do mesmo parasita. Lembra discursos contemporâneos semelhantes, além de Bolsonaro, como Orbán, com sua defesa de uma suposta democracia iliberal, ou de um novo formato democrático” (p. 147).

O capítulo divide-se em cinco partes.

3.1 O início (p. 148-165) - Manifesto de outubro (Tabela 14 na p. 165, que contém as características desse Manifesto, as quais incluem fundamentalismo cristão, intelectualismo parcial, liberalismo e racismo parcial).

3.2 Institucionalização e tentativa de cargos executivos (p. 165-175) - Discurso de candidatura (Tabela 15 na p. 175).

3.3 O exílio (p. 176-183) - Manifesto de maio (Tabela 16 na p. 182) no qual Plínio Salgado assevera “Que na incapacidade de um golpe integralista, a mudança para o Estado Integral virá através dos valores que o Integralismo defende: Deus, nação, pátria, ordem, unidade — essas duas últimas também algumas das palavras mais repetidas ao longo do manifesto. Precedendo um imaginário típico do Bolsonarismo, Salgado (1950, p. 75) chega a afirmar, no maniqueísmo típico dos fascismos, que um Integralista moralmente íntegro, que respeita os valores ditos, é um “homem de bem”, inspirado e reflexo dos grandes heróis nacionais. Aliás, “homem de bem” é uma expressão que aparece em mais de um de seus trabalhos, sendo repetido também no Manifesto-diretiva” (p. 181).

3.4 O retorno (p. 183-195) - Manifesto-diretiva (Tabela 17 na p. 194). “Salgado não ficaria permanentemente no exílio, retornando ao final de 1945, quando o Estado Novo colapsava. Mas, do retorno, seu movimento já não era o mesmo. Não apenas o Integralismo havia se esfarelado, como também no pós-guerra e depois do Holocausto um movimento de matriz abertamente fascista não seria bem visto” (p. 183).

3.5 (Neo?)Integralismo (p. 195-209) - Discurso sobre política externa (Tabela 18 na p. 204).

Seguem trechos relevantes.

“Seria preciso uma pesquisa inteira para explorar os motivos pelos quais o Integralismo fracassou enquanto o Fascismo e o Nazismo, ou mesmo o Bolsonarismo, tiveram sucesso. Mas, por efeito da discussão destes capítulos, é possível traçar algumas hipóteses. Para além de um possível caldo cultural não totalmente receptivo ao fascismo na época, mais propenso a um autoritarismo positivista nos moldes do Estado Novo, talvez a própria figura de Salgado tenha contribuído para o fracasso. Salgado era um homem franzino, pequeno, intelectualizado, tímido e indeciso. Bem distante das figuras histriônicas de Mussolini e Hitler, por mais que o Chefe tentasse imitá-los. Aliás, o viés intelectualista do Integralismo também pode ter ajudado a enfraquecê-lo, considerando a dificuldade no acesso à educação na época. Por fim, em outro ponto, o Integralismo era um fenômeno da alta burguesia, ao passo que o nazifascismo, assim como o Bolsonarismo, encontrou eco principalmente entre a baixa burguesia” (p. 195).

“Após a morte de Salgado na década de 1970, o Integralismo foi fragmentado em vários grupos independentes. A ausência do Messias como elo de união permitiu a ascensão de dissidências, cada qual com uma interpretação idiossincrática da doutrina do sigma. O Integralismo nunca desapareceu completamente da vida pública (assim como o Fascismo na Itália e, em menor grau, o Nazismo na Alemanha). Com a redemocratização, houve a tentativa de refundar um partido integralista, o Partido de Ação Integralista (PAI). O projeto fracassou, mas antes o PAI ainda tentou cooptar Miguel Reale e lançá-lo como candidato — na tentativa frustrada de aglomerar as facções em torno de um novo Messias, intrinsecamente identificado com o auge do Integralismo —, mas o jurista, que há muito buscava se afastar do Integralismo, rechaçou a ideia” (p. 204).

“Alguns desses grupos são mais extremistas, associados a grupos nazistas e antissemitas, outros mais contidos e afirmam ser democráticos⁷¹. Um desses grupos, o Comando da Insurgência Popular Nacionalista, foi o responsável pelos ataques à Unirio e à produtora Porta dos Fundos. Integralistas contemporâneos fragmentados foram absorvidos por outros partidos e movimentos políticos nacionalistas, como o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (Prona) e o Partido Social Liberal (PSL), ex-partido de Bolsonaro” (p. 205).

Capítulo 4. Um fascismo brasileiro no século XXI? Uma análise da retórica do Bolsonarismo (p. 210-296)

O capítulo refere-se ao fascismo bolsonarista.

4.1 O protobolsonarismo: anticomunismo militar (p. 212-229)

O item discorre sobre os precedentes ideológicos do bolsonarismo na obra *A revolução gramscista do Ocidente*, de Sergio Augusto de Avellar Coutinho, um dos maiores autores do anticomunismo militar.

A obra surge no seguinte contexto: “Após 1985, desenvolve-se, primeiramente no meio militar, e depois transbordando para outras esferas (como será visto na próxima seção), uma obsessão da extrema-direita brasileira com as ideias de Gramsci. Se dissemina a ideia de marxismo cultural, resumida como a noção de que a esquerda, no novo século, lutaria não mais através de armas tradicionais, mas de uma lenta, gradual e permanente revolução através da tomada de diversos setores estatais, culturais e sociais. Da formação, portanto, de uma nova hegemonia comunista” (p. 212-213).

Desse modo, no livro de Coutinho estão presentes os conceitos de anticomunismo, autoritarismo, nacionalismo, racismo e reacionarismo (Tabela 21 na p. 228-229).

Esses conceitos e seus desdobramentos são reproduzidos continuamente por Bolsonaro.

4.2 Segundo ciclo: ascensão - 2013 - 2017 (p. 229-252)

Tópico dedicado ao artigo Trump e o Ocidente, de Ernesto Araújo, diplomata brasileiro nomeado Chanceler no Governo Bolsonaro e com posicionamento não apenas semelhante às ideias de Sergio Augusto de Avellar Coutinho, porém mais intenso e explicitamente fascista (v. a síntese na Tabela 22, p. 250-252).

4.3 Terceiro ciclo: campanha - 2018 - Programa (p. 252-275)

Debate-se o pensamento de vários estudiosos, especialmente Marina Busso Lacerda (por um lapso, não incluída nas Fontes Primárias ou Referências) e Daniel Aarão Reis.

Verifica-se quanto ao programa da campanha presidencial de Bolsonaro em 2018, denominado Projeto Fênix: “Todo o programa é um emaranhado de ataques contra tudo que Bolsonaro enxerga por corrupto e/ou dominação comunista. Bolsonaro é enfático em taxar todo o cenário brasileiro de 2018 como catastrófico, destinado à autodestruição; mas não fornece, na prática, alternativas ou ideias para solucionar. Em resumo, o programa poderia ser sintetizado como: ‘problema: corrupção. Proposta: combater a corrupção’. Abundam os ‘quem’, mas faltam os ‘como’ ” (p. 257-258).

Um dos lemas nesse programa é “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Constata-se que “o Projeto Fênix resgata o suprassumo do fascismo, já presente no proto e no pré-bolsonarismo de Coutinho (2002) e Araújo (2017), bem como indicado por todo o programa: o resgate, a partir do Messias, de uma nação vista como degenerada, corrompida e contaminada por inimigos objetivos. Uma união de nacionalismo, autoritarismo, reacionarismo, com base de massas. Em suma, traços de fascismo como messianismo, belicismo, maniqueísmo, desumanização do inimigo objetivo, discurso sacrificial de retorno a um passado idílico, entre outros” (p. 272-273).

A Tabela 23 na p. 274-275 resume as características do Projeto Fênix.

4.4 Quarto e quinto ciclos: 2019 e 2021 - Choques iniciais e recrudescimento (p. 275-296)

Trata-se dos discursos de Bolsonaro em dois eventos:

- a) abertura da Assembleia Geral da ONU em 2019;
- b) manifestações comemorativas brasileiras em 07 de setembro de 2021.

Na ONU, “Na prática, o discurso mais aparenta um discurso de campanha do que a abertura da assembleia mais relevante do planeta. Assim como foi no programa, Bolsonaro não esconde em seu discurso sua oposição binária ao que enxerga como ameaça comunista internacional. Uma ameaça, aqui, representada através de três principais espantalhos: Venezuela e Cuba, no âmbito externo, e o Foro de São Paulo, no interno” (p. 279). E mais: “Bolsonaro apresenta, na ONU, uma versão idílica de um Brasil impossível que superou completamente crônicos problemas seculares como a violência, a corrupção e a desigualdade. Uma versão utópica, ficcional, diametralmente oposta da contraparte real, sem qualquer respaldo em dados” (p. 280).

Resume-se na Tabela 24 (p. 287-288) a caracterização do discurso na ONU.

Nas comemorações de 07 de setembro de 2021, o discurso claramente autoritário sinaliza uma evidente ruptura institucional e nele ataca-se frontalmente o Supremo Tribunal Federal. As características desse discurso são resumidas na Tabela 25 (p. 293).

Finaliza-se o capítulo com tabelas que sintetizam o total dos discursos analisados na Dissertação de Mestrado.

Considerações Finais (p. 297-304)

“Em mais de cem anos de História, perpassando diversos países e épocas, o fascismo se tornou um fenômeno moderno típico, um novo modo de se fazer política que se enraizou e reaparece, com novas vestes, em novos locais, de tempos em tempos. Sua essência permanece, em uníssono, perpassando essas manifestações heterogêneas. Seja qual for o nome que receba — populismo, ultraconservadorismo, entre outros —, sua identidade se mantém” (p. 297).

Embora haja especificidade nos três movimentos estudados (Fascismo de Mussolini, Integralismo e Bolsonarismo), há pontos de intersecção fundamentais que os caracterizam como fascismo: a manifestação conjunta e simultânea de autoritarismo, nacionalismo e reacionarismo.

Fontes Primárias (p. 305-306) e Referências (p. 307-321).

O trabalho resenhado contém: Apêndice A - Tradução do Programa do Fasci di Combattimento (p. 322-323); Apêndice B - Tradução do programa do Partito Nazionale Fascista (p. 324-332); Apêndice C - Tradução para o português do Discurso de Nápoles (p. 333-339); Apêndice D - Tradução para o português do Discurso sobre Matteotti (p. 340-345).

A Dissertação de Mestrado é um minucioso estudo sobre as facetas do fascismo e, por sua excelência, constitui fonte bibliográfica indispensável para os acadêmicos e demais pesquisadores.